

Macla Ribeiro Nunes¹

Roudinesco, E. (2019). *Dicionário amoroso da psicanálise*. Rio de Janeiro, Zahar, 360 págs.

“A poesia não seria o que extrai o significante do código léxico para alçá-lo ao ponto de onde o não-sentido, próprio da música, dá a ouvir o que tem de inaudito?”

(Didier-Weill, 1999, p. 11)

“Uma bela aventura amorosa orquestrada por Jean-Claude Simoën”, criador da coleção *Dictionnaire Amoureux* para a editora francesa Plon. Assim Elisabeth Roudinesco (2019) denomina seu mergulho inédito nessa aventura que lhe é tão familiar: o vasto lugar de memória, relato em forma de labirinto, inventário errante que é um dicionário. Tal familiaridade também é afirmada pela autora em uma entrevista ao Jornal Folha de São Paulo, realizada por Betty Milan em 21 de Outubro de 2017.¹ Nessa entrevista, Roudinesco declara seu gosto pessoal por diferentes tipos de dicionários e listas, e relata que essa foi sua primeira experiência de leitura, já que seu pai era um “devorador de dicionários”.

O *Dicionário amoroso da psicanálise* é o segundo dicionário elaborado pela historiadora e psicanalista. Com Michel Plon, escreveu o *Dicionário de Psicanálise* – obra consagrada como um dos clássicos no campo psicanalítico – publicado pela primeira vez no Brasil por Jorge Zahar em 1998. Agora, para além de seu habitual trabalho no universo acadêmico, a autora escreve em primeira pessoa, escolhe conforme seu desejo as diferentes entradas dos verbetes e dá originalidade aos encadeamentos de conceitos, obras, atores e países, os quais, tratados como temas, fazem emergir ficções, territórios, histórias, ideias, afetos. A seriedade que Roudinesco tem dedicado à psicanálise e à sua história, neste livro também dá vida e corpo à experiências e palavras. O índice onomástico e as remissões que cada verbete faz ao final retratam a pluralidade, a plasticidade e a riqueza da textura que compõem a obra. Cada entrada

¹ Doutoranda em Pesquisa e Clínica em Psicanálise (UERJ). Mestrado em Teoria Psicanalítica (UFRJ). Psicóloga/Psicanalista na Escola de Medicina e Cirurgia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Graduação em Música Sacra e Psicologia. Membro do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise/RJ, Brasil. E-mail: macla.nunes@unirio.br. ORCID Id.: 0000-0002-4082-2661

no dicionário, portanto, tem um valor de significante ao qual Roudinesco atribui significados particulares.

Uma das obras publicadas por Roudinesco (2011) se intitula *Lacan, a despeito de tudo e de todos*. No *Dicionário amoroso*, lemos a seguinte entrada: “Antígona, a despeito de tudo e de todos”. E outras de igual verve: “Desejo, o poema é o amor realizado do desejo que permaneceu desejo”. “Angústia, deliciosa vertigem”. “Família, eu te amo, eu te odeio”. “Espelho, Lacan no País das maravilhas”. “Infância, a infância é o sono da razão”. “Sherlock Holmes, elementar, meu caro Freud”. “Guerra, a sombra de cada guerra na guerra de hoje”. “Romance familiar, às vezes o destino nos estende um copo de loucura para beber”. “Paris, insurreições vindouras”. Numa referência implícita a Baudelaire – “*Je suis la plaie et le couteau, la victime et le bourreau*”, aparece a entrada: “Narciso, sou a ferida e a faca”.

George Gershwin (1898-1937), autor do célebre acalanto “Summertime”, é lembrado pela sua relação com a psicanálise e pela Comédia freudiana musical *Pardon My English*, composta em 1934 com seu irmão. Trata-se de uma ação que se situa em Dresden e narra a história de Michael Bramleigh, um jovem inglês que se apaixona por Ilse Bauer, filha de um comissário de polícia. Todas as vezes que o rapaz recebe uma pancada na cabeça, se transforma em Golo Schmidt, mestre do crime, amante de uma garota de cabaré. Mas eis que outra pancada lhe devolve a identidade! Alfred Adler, Sigmund Freud e Carl Gustav Jung encarnam os médicos que se debruçam sobre sua cabeceira. Na canção *Freud e Jung e Adler* estão reunidos, conforme afirma Roudinesco (2019, p. 130), “à maneira de Jekyll e Hyde, os melhores ingredientes de uma formidável sátira de todos os chavões da época relativos à psicanálise”.

Numa leitura tão vertiginosa quanto uma viagem transcontinental num TGV, acompanhamos Roudinesco por lugares, museus e “cidades psicanalíticas” como Budapeste que, depois de Viena, foi a segunda cidade dos primórdios da psicanálise e fez com que Freud, após a Primeira Guerra Mundial, cogitasse fazê-la capital de seu movimento. Nova York, a qual a autora considera a cidade mais freudianizada do mundo, mais desejável, mais psíquica, centro de todos os sonhos e fantasias migratórias. Londres, eminente cenário que abriga fatos e histórias que vão desde nomes como os de Ernest Jones, Melanie Klein e Anna Freud, às cinzas dos membros da família Freud. As cidades brasileiras, com seus ‘136 tons de pele’, são consideradas pela autora como o receptáculo de todas as contradições possíveis do universo psicanalítico e, na medida em que aglutina vários países, o Brasil se destaca pelo papel considerável que desempenha na expansão de todas as correntes da psicanálise.

Roudinesco descreve seu prazer em visitar Beirute e constatar quão viva é essa cidade em virtude de uma confrontação permanente com a morte. Lá, no ano de 1977, em um congresso da Escola Freudiana de Paris, ela conhece o psicanalista Chawki Azouri, com quem compartilha a paixão pela psicanálise e a convicção de que o freudismo deveria influenciar o campo social e político. A psicanalista testemunha que, com Azouri – que volta a Beirute, sua cidade natal, após realizar formação analítica em Paris – aprende a conhecer o que pode ser a prática da psicanálise num país assombrado pela iminência sempre presente dos perigos e torturas. “Sangue e lágrimas”, eis o destino daqueles que, como Samir Kassir, arriscam ou mesmo perdem suas vidas lutando em favor da liberdade (Roudinesco, 2019, p. 46). Em 2005, o jornalista e historiador havia participado de um encontro organizado por Roudinesco e Azouri com o apoio dos serviços culturais franceses sobre *A psicanálise no mundo árabe e islâmico* (Azouri & Roudinesco, 2005), no qual falou sobre “O Indivíduo e as Luzes no mundo árabe contemporâneo”. Três semanas mais tarde Samir Kassir foi assassinado.

Freud e Lacan estão presentes em toda a obra e, além deles, o encontro com poemas, romances e personagens integrantes de cenas diversas da cultura é um de seus aspectos marcantes. Entre eles, um dos “casos clínicos” mais comentados da segunda metade do século XX: Adolf Hitler e seu ódio voltado contra o mundo inteiro e contra as elites, isto é, os judeus e os intelectuais. A partir de uma síntese do “corpus semi-imaginário” construído em torno dos psicodiagnósticos que o líder nazista recebeu, filmes e dados psicobiográficos, Roudinesco (2019) destaca o lugar ocupado pelo nome de Hitler na história da psicanálise, já que vários historiadores inclusive estabeleceram um paralelo entre essas duas vidas vienenses da Belle Époque: “a infame do jovem Hitler, com vinte anos em 1909, e a fulgurante de Freud, então em plena ascensão rumo à glória”. (p. 158).

Não obstante, como em *Sigmund. Freud na sua época e em nosso tempo* (Roudinesco, 2016), a autora não perde a oportunidade de estabelecer e esclarecer certos fatos polêmicos e controversias, seja em torno da obra e da vida de Freud, ou das virulentas batalhas que se produziram no seio mesmo do movimento psicanalítico ao longo da história. No verbete “Injúrias, exageros & calúnias: tenho a honra de ser odiado...” (p. 185), Roudinesco nos remete aos ataques que foram feitos contra a psicanálise – tanto por seus inimigos quanto por psicanalistas –, que recorrem à psicanálise para insultar mulheres, homossexuais, dirigentes políticos e, por fim, aos colegas e sua própria prática, como é o caso especialmente citado de Jacques Lacan. Além disso, extravagâncias teóricas fantasticamente elaboradas também não deixam de ser sublinhadas no *Dicionário amoroso: Wilhelm Reich (1897-1957)*, seu estranho centro de estudo do orgônio – palavra composta de “orgasmo” e “ozônio” – situado em Dodge Pont no estado do Maine, e o museu Orgonon, dedicado à vida e obra de Reich, também são revisitados pela autora, tendo em vista apontar a proximidade existente entre as teorias mais extravagantes e as abordagens mais científicas das doenças da alma. Nessa mesma perspectiva, Elisabeth Roudinesco (2019) destaca a “varredura atórica” manifesta no itinerário do psiquiatra Robert Leopold Spitzer (1932-2015), segundo ela: “o sincero artifice da maior loucura jamais sonhada pela psiquiatria: construir um discurso universal sobre os distúrbios mentais, válido para todo o planeta” (p. 219-220).

O “planeta freudiano” (p. 258), por sua vez, é descrito pela historiadora e psicanalista como um movimento que também erige seus institutos e associações em grandes cidades cosmopolitas, cujos moradores, em geral, se encontram distantes de suas raízes. Assim, além de designar um método específico de tratamento psíquico pela fala, a psicanálise se inscreve não só na cultura, mas também *como uma cultura*, que tanto se nutriu quanto alimenta, no mundo inteiro, as mais diversas formas de expressão artística. Como observa Lacan (1967/2006, p. 54), “o mínimo seria que os psicanalistas percebessem que são poetas”. No *Dicionário amoroso da psicanálise* Elisabeth Roudinesco faz poesia da história e, da história, faz poesia.

Notas

¹ No site <https://www.bettymilan.com.br/bm-roudinesco-folha-sp/>. Consulta realizada em 07 de maio de 2021.

REFERÊNCIAS

Azouri, C. & Roudinesco, E. (orgs.). (2005). *La psychanalyse dans le monde arabe*. Beyrouth: Presses de l'Université Saint-Joseph.

Didier-Weill, A. (1999). *Invocações: Dionísio, Moisés, São Paulo e Freud*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.

Lacan, J. (2006). Lugar, origem e fim do meu ensino. In *Meu ensino*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Obra original publicada em 1967).

Roudinesco, E. (2011). *Lacan, a despeito de tudo e de todos*. Rio de Janeiro: Zahar.

Roudinesco, E. (2016). *Sigmund Freud na sua época e em nosso tempo*. Rio de Janeiro: Zahar.

Roudinesco, E. (2019). *Dicionário amoroso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.